



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ALDEMIR HENRIQUE DA SILVA

**ENSINO DE GEOGRAFIA E ARTES URBANAS: Uma leitura sobre as marcas  
nas paisagens e nos territórios do Recife**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RECIFE  
2025

ALDEMIR HENRIQUE DA SILVA

**ENSINO DE GEOGRAFIA E ARTES URBANAS: Uma leitura sobre as marcas  
nas paisagens e nos territórios do Recife**

Trabalho de conclusão de curso do curso de licenciatura em geografia na Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de graduando em licenciatura em geografia.

Orientação: Profº Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic

RECIFE

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Aldemir Henrique da.

Ensino de geografia e artes urbanas: uma leitura sobre as marcas nas paisagens e nos territórios do Recife / Aldemir Henrique da Silva. - Recife, 2025. 53 : il.

Orientador(a): Bertrand Roger Guillaume Cozic

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Grafite. 2. Arte urbana. 3. Território. 4. Espaço Urbano. 5. Paisagem. 6. Educação. I. Cozic, Bertrand Roger Guillaume . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

ALDEMIR HENRIQUE DA SILVA

**ENSINO DE GEOGRAFIA E ARTES URBANAS: Uma leitura sobre as marcas nas paisagens e nos territórios do Recife**

Trabalho de conclusão de curso do curso de licenciatura em geografia na Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de graduando em licenciatura em geografia.

Aprovado em: 16/04/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **BERTRAND ROGER GUILLAUME COZIC**  
Data: 27/06/2025 09:25:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic  
(Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Anthony de Padua Azevedo Almeida (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

Não tenho saudades do que vivi porque tudo está aqui encorpado dentro de mim, como um fígado, um pâncreas, um rim. Não tenho saudades do que vivi, tenho saudades do que viveram aqueles com quem convivi. Não do que vi, do que viram. Não do que ouvi, do que ouviram. Do que sonharam, sentiram, as pessoas que perdi. (Arnaldo Antunes)

## RESUMO

Há milhares de anos a humanidade usa de simbolismos para procurar uma comunicação plena entre si, expressar fatos cotidianos e rituais culturais em seu ambiente de convivência. No tempo contemporâneo, ainda que tenha ocorrido o desenvolvimento cognitivo, ainda sim, as necessidades de expressão ao mundo exterior passam com devido grau de importância no uso dos grafismos, sendo os mais modernos na figura do grafite. O século XX foi decisivo na instrumentação do seu uso como uma das formas de reivindicação de direitos característicos do meio urbano, principalmente em grandes metrópoles internacionais, tornando as cidades suas imensas galerias de artes. Logo, os grafites também se tornaram instrumentos nas metrópoles brasileiras, tendo início em São Paulo e se espalhando pelo resto do país, com destaque às aplicações ocorridas no Recife, em especial ao bairro do Cabanga, local base para a pesquisa de campo feita para este trabalho. Na capital pernambucana, essas marcas estão presentes em diversos ambientes. Contudo, na disputa por espaço e poder, é evidente as tensões causadas, ainda que por muitas vezes os autores e suas artes passem despercebidos no movimento cotidiano. Portanto, em uma perspectiva de democratização do ensino e do uso imersivo da realidade dos estudantes de educação básica no ambiente escolar, será trabalhado a aplicação e a análise do território e da paisagem através do uso das artes urbanas, em especial do grafite, no contexto da metrópole do Recife.

Palavras-chaves: Grafite, Arte urbana, Território, Espaço Urbano, Paisagem

## **ABSTRACT**

For thousands of years, humanity has used symbolism to seek full communication with each other, express daily events and cultural rituals in their living environment. In contemporary times, even though cognitive development has taken place, the need to express oneself to the outside world is still reflected in the use of graffiti, the most modern of which is graffiti. The 20th century was decisive in instrumentalizing its use as one of the forms of claiming rights characteristic of the urban environment, especially in large international metropolises, making cities immense art galleries. Soon, graffiti also became an instrument in the Brazilian metropolises, starting in São Paulo and spreading to the rest of the country, especially in Recife, especially the Cabanga neighborhood, the local base for the field research carried out for this work. However, in the dispute for space and power, the tensions caused are evident, even though the authors and their art often go unnoticed in the daily movement. Therefore, with a view to democratizing teaching and the immersive use of the reality of basic education students in the school environment, we will work on the application and analysis of territory and landscape through the use of urban arts, especially graffiti, in the context of the metropolis of Recife.

**Keywords:** Graffiti, Street art, Territory, Urban Space, Landscape

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01: Representações rupestres na Caverna Lascaux, França

Fig. 02: Localização dos sítios arqueológicos com datas entre 12.000 e 11.000 anos

Fig. 03: Pedra furada na serra da Capivara (PI)

Fig. 04: pinturas rupestres na serra da capivara (PI)

Fig. 05: Pedra furada, município de Venturosa (PE)

Fig. 06: Imagem da pedra furada, município de Venturosa (PE)

Fig. 07: Imagens de gravuras rupestres no parque da pedra furada (PE). Atenção às gravuras recentes de visitantes ao local.

Fig. 08: Mural intitulado União dos povos pan-americanos.

Fig. 09: Primeiras técnicas aplicadas em um muro nas ruas da Filadélfia, anos 70.

Fig. 10: Estações de metrô na cidade de Nova York

Fig. 11: Plataforma do Metrô em Nova York em meados dos anos 70

Fig. 12,13,14: Muros grafitados por pontos da cidade de Nova Iorque

Fig. 15: Encontro de jovens na estação São Bento, Centro de São Paulo, em meados dos anos 80.

Fig. 16: Mapa com a localização do bairro do Cabanga, município do Recife

Fig. 17: Imagem do tráfego na via Governador Paulo Guerra, Via google street view

Fig. 18: Calçada presente logo na entrada do bairro, próxima a estação da compesa

19,20: Grafitagem em muros na entrada do bairro do Cabanga, Recife

Fig. 21 Imagem de satélite do bairro do Cabanga utilizando google Earth

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 AS REFLEXÕES DE UMA GEOGRAFIA CULTURAL E AS DIMENSÕES DO ESTUDO DAS PAISAGENS.....</b>	<b>12</b>
<b>3 AS MARCAS NA PAISAGEM: A HUMANIDADE CONTA SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DO TEMPO.....</b>	<b>14</b>
3.1 Pinturas rupestres no parque nacional da serra da capivara (CE).....	17
3.2 Pinturas rupestres no parque nacional da pedra furada (PE).....	20
<b>4 ORIGENS DOS GRAFISMOS CONTEMPORÂNEOS.....</b>	<b>23</b>
4.1 Nova York e as territorialidades das paisagens.....	24
4.2 Movimentos de insurreição de maio de 68.....	30
4.3 São Paulo como introdução a cultura hip-hop e aos grafites no Brasil.....	32
4.4 Os conflitos pelo espaço: Pichadores x poder público x poder privado.....	34
<b>5 AS MARCAS DOS GRAFITEIROS NO BAIRRO DO CABANGA (RECIFE).....</b>	<b>37</b>
<b>6 RESULTADO E DISCUSSÕES.....</b>	<b>44</b>
<b>6.1 APAGANDO PRECONCEITOS: O ENSINO DE GEOGRAFIA COM ARTES URBANAS.....</b>	<b>44</b>
6.2 Trabalhando conceitos de território e paisagem em sala de aula.....	45
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da paisagem e do território de um determinado espaço, leva com foco diversos pontos que podem ser explorados por quem faz a sua análise. Por vezes, dependendo do direcionamento escolhido, pontos podem aparecer mais que outros, sendo alguns suprimidos do resultado final. Contudo, quando se leva em consideração a análise do espaço geográfico, diversos são os atores que o constroem e o modificam, sendo fundamentais para o entendimento das marcas presentes no meio onde eles vivem.

Atualmente, as artes urbanas são um ponto de análise importante para o âmbito da geografia, especialmente quando volta-se os estudos para os indivíduos que promovem tais modificações na paisagem. Buscar entender suas condições sociais, suas vivências cotidianas, suas perspectivas de futuro, são pontos determinantes para entender, conseqüentemente, os rumos tomados nas grandes metrópoles nacionais.

O tema em questão vem se popularizando, principalmente nas últimas décadas do século XX, sendo associadas também a cultura da dança e da música (break e hip-hop), entrando cada vez mais em ambientes “nobres” da sociedade contemporânea. Contudo, não deve-se esquecer o caráter revolucionário e contestador presente nessa arte. Ainda hoje, ela é utilizada para expressar em muros ou galerias o que se passa na vida da juventude ao redor do mundo.

Levando em consideração a popularização e mais do que isso, a visibilidade das artes urbanas na sociedade, este trabalho buscará compreender a sua importância, levando em consideração o que se insere sob o escopo do meios legais, com os que ainda se aventuram a margem da norma padrão, mas com o foco de análise territorial e da paisagem levando eles como base.

A partir do que é visto em outras metrópoles internacionais e dentro do Brasil, com Recife poderia contribuir para os estudos de território e paisagem levando em consideração o que é visto nas ruas deste grande metrópole? E como estes

conceitos desenvolvidos podem ser aplicados em sala de aula, para complementar o que é visto em educação básica sobre os temas abordados?

Pensando nos objetivos gerais do trabalho recai, primordialmente, no estudo da paisagem e sua composição com o lugar são pontos principais do pensamento geográfico, sendo aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Uma das formas de promover esse conhecimento se dá através da observação e promoção de análises do ambiente destinado ao estudo de campo. Por isso, o objetivo deste trabalho é explorar as bases do conhecimento geográfico, trazendo uma visão para a presença das artes urbanas, em especial, a grafiteagem e as pichações. Fazendo essa compreensão, deverá ser proposto o uso metodológico dessas ações para o ensino de assuntos pertinentes à geografia em sala de aula, como paisagem, meio, aspectos socioeconômicos, entre outros.

Como forma de complementar o estudo, foram estimados alguns objetivos específicos, para uma melhor absorção do conteúdo trabalhado. Entre eles, destacam-se:

- Compreender da paisagem através da leitura de grafites e pichações;
- Interpretar das diferentes territorialidades na paisagem urbana do Recife, especificamente no bairro do Cabanga;
- Compreender histórica sobre os diferentes elementos iconográficos da paisagem;
- Promover a aplicação da leitura das paisagens utilizando a arte urbana no ensino básico de geografia.

Com justificativa para construção deste estudo, pode destacar-se como ponto de partida, a crescente participação da comunidade no dia-a-dia no chão da sala de aula, com a interação recíproca da sala com a comunidade, tem-se a importância cada vez maior de integrar diferentes formas de ensino na vida do estudante. Por isso, o trabalho desenvolvido tem como foco uma nova análise sobre conteúdos presentes no ensino de geografia, em especial no que se refere à análise da paisagem, trazendo para o debate o uso das artes urbanas (grafite) como mais um instrumento para uso pedagógico.

A metodologia utilizada na construção do seguinte trabalho foi a revisão bibliográfica, a partir de conteúdos publicados em artigos científicos, livros acadêmicos e fóruns no campo das ciências humanas, de autores especializados

no tema no tema de paisagem e território, além de conteúdos voltados a educação e conscientização sobre as artes urbanas, com destaque ao grafite. Também foram promovidos, trabalhos de campo nas áreas de análise escolhidas, com o intuito principal conhecer as demandas pertinentes ao tema escolhido para desenvolvimento do trabalho em questão.

## **2 AS REFLEXÕES DE UMA GEOGRAFIA CULTURAL E AS DIMENSÕES DO ESTUDO DAS PAISAGENS**

Quando se pensa em uma proposta de análise do espaço, faz-se necessário compreender como os diferentes grupos humanos deixaram suas marcas na paisagem. O ambiente que nos cerca é vivo, dinâmico, sempre em mudança. É necessário olhar esses espaços sob todos os ângulos possíveis, buscando não só o que é visível nas linhas, mas também o que há nas entrelinhas. Por isso, nas últimas décadas do século XX, a geografia passou a estudar e tentar entender o que a paisagem e seus espaços tinham a dizer sobre os indivíduos que lá viviam. Por isso, ocorreu o desenvolvimento da chamada geografia cultural, fazendo surgir diversos expoentes, porém, teve em Augustin Berque seu principal pensador.

Sua importância vai além de qualquer simples objetificação do espaço, pois ele foi um dos primeiros a perceber como a sociedade se relaciona com o espaço e a natureza (BERQUE, 1984), estabelecendo uma esquematização desses princípios. A melhor forma de exemplificar o que foi proposto anteriormente, é a sua definição de paisagem-marca e paisagem-matriz, no qual exposto a seguir:

A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação[...], que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno (BERQUE, 1984, p. 33)

Do trecho exposto acima pode-se tirar conclusões sobre a importância dos indivíduos na modificação dos espaços, especialmente quando leva em conta os reflexos estabelecidos nas paisagens que os circundam. Atualmente, a força antropológica torna-se cada vez mais vital para o funcionamento espacial do planeta, modificando-as para atender convenientemente aos seus interesses de

convívio. Com isso, deixa gravuras na paisagem de maneira singular e variada para cada grupo estabelecido em um determinado lugar.

Tais modificações, como explicitado até aqui, não são produzidas de maneira aleatória ou sem um propósito definido. Para todos os contrastes existem explicações para sua formulação, e suas concepções podem apresentar diversos fatores, como o período histórico, particularidades culturais e econômicas, percepções políticas temporais, entre outros.

Uma das visões mais marcantes quando se trabalha sobre estes conceitos também leva em consideração questões estéticas e como elas podem promover a dominância entre os grupos sociais. Trazida por Yves Lacoste em seu trabalho *Paysages Politiques*, ele explicita uma teoria sobre as percepções de paisagem de forma cinematográfica (LACOSTE, 1990), especialmente quando os instrumentos de observação deixam de ser de uso restrito e estratégico utilizados por militares em combates, e se popularizam fora deste meio. O uso de câmeras cinematográficas e mais além, com a popularização do acesso a mapas pelo público em geral, trouxe novas concepções aos grupos dominantes sobre o que é belo ou não na paisagem, podendo este ser escondido ou apagado completamente do espaço (NAME, 2010).

Cada vez mais nos estudos sobre o meio urbano atual, os movimentos de tensão e admiração provocados pelas diversas expressões marcadas nas paisagens, vem ganhando força nos diferentes campos da sociedade. Existe desde sua popularização ao redor do mundo uma dicotomia entre a invisibilidade e a plena expressão. Segundo CAMPOS (2021), a arte urbana surge como um elemento inevitável na paisagem, tendo-se banalizado. Importa, pois, entender como ocorreu esse processo que transformou algo que era originalmente desprezado, num elemento que é atualmente não apenas valorizado, mas se enquadra cada vez mais na categoria de arte pública. Portanto, ela vem se tornando também um foco de estudos e análises espaciais dentro do ambiente do ensino básico.

O foco também se volta ao jovem que busca se tornar protagonista da sua própria vida, enxergando na arte urbana um caminho para conseguir seu objetivo. Por isso, aplicar esses conceitos ganha mais força no ensino e aprendizagem escolar, produzindo um ambiente enriquecedor (MACHADO, 2017).

### **3 AS MARCAS NA PAISAGEM: A HUMANIDADE CONTA SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DO TEMPO**

Para compreender as dinâmicas do mundo atual, é necessário que seja provocado o olhar para o passado, passado este, por vezes, distinto das condições modernas. Desde sua formação, por volta de 4,5 bilhões de anos, o planeta Terra passa por diversas transformações, deixando marcas significativas em sua paisagem. Eras glaciais, transgressões marinhas, mudanças na velocidade e intensidade dos ventos, dinâmica tectônica, tudo isto modifica o espaço, por vezes estéril.

Além disso, diversos corpos extra planetários também modificam o ambiente, caso de asteroides e cometas, objetos de origem gasosa ou sólida, normalmente congelados, que orbitam pelo espaço e colidem periodicamente em outros corpos (TEIXEIRA et. al., 2009, p. 31). Tais questões são um prato cheio para pesquisadores do sistema terrestre, em especial, geólogos, geomorfólogos, geofísicos, e claro, geógrafos.

Enquanto a Terra passava por modificações, as formas de vida que por milhares de anos permaneciam mergulhadas nos oceanos primitivos, passavam aos poucos a ganharem as grandes porções da crosta terrestre e em um tempo geológico curto, começaram a deixar suas próprias marcas na paisagem recém descoberta. Em princípio de forma indireta, deixando rastros e pegadas na superfície, caso de vestígios fossilizados descobertos ao longo do tempo

Contudo, assim como um fragmento de rochas parece insignificante para a imensidão de um espaço, na imensidão do tempo mostra-se a construção de uma espécie que construiu uma forma de comunicação, ainda que por vezes claudicante. Os primeiros hominídeos promoveram essa comunicação através de pinturas em paredes de cavernas e grutas, e ao longo do tempo com esculturas, ocorrendo principalmente no período histórico conhecido como paleolítico. Ao fazer referência aos estudos de LEWIN (1999), LEROI-GOURHAN (1964) e PINKER (2001), JUSTAMAND (2017) traz uma análise de como se deu os primeiros escritos da humanidade:

As manifestações artísticas dos primeiros hominídeos estão relacionadas ao seu desenvolvimento físico e mental. Esse desenvolvimento não foi verificado apenas por meio da produção de ferramentas, mas também no campo das ideias artísticas como mediante o ato de pintar, gravar e esculpir na rocha. (JUSTAMAND, et. al. p. 2)

. Com estudos recentes na área da arqueologia, fica evidente que existia algum simbolismo nos desenhos gravados nos ambientes. Ainda que jogado o olhar moderno/contemporâneo tais concepções dêem uma dimensão de primitivismo, ou um quase dadaísmo (Expressão artística do início de século XX, pautada na racionalidade e anarquismo, quebrando com os padrões artísticos vigentes), haveria algum tipo de comunicação transmitida e, acima de tudo, compreendida.

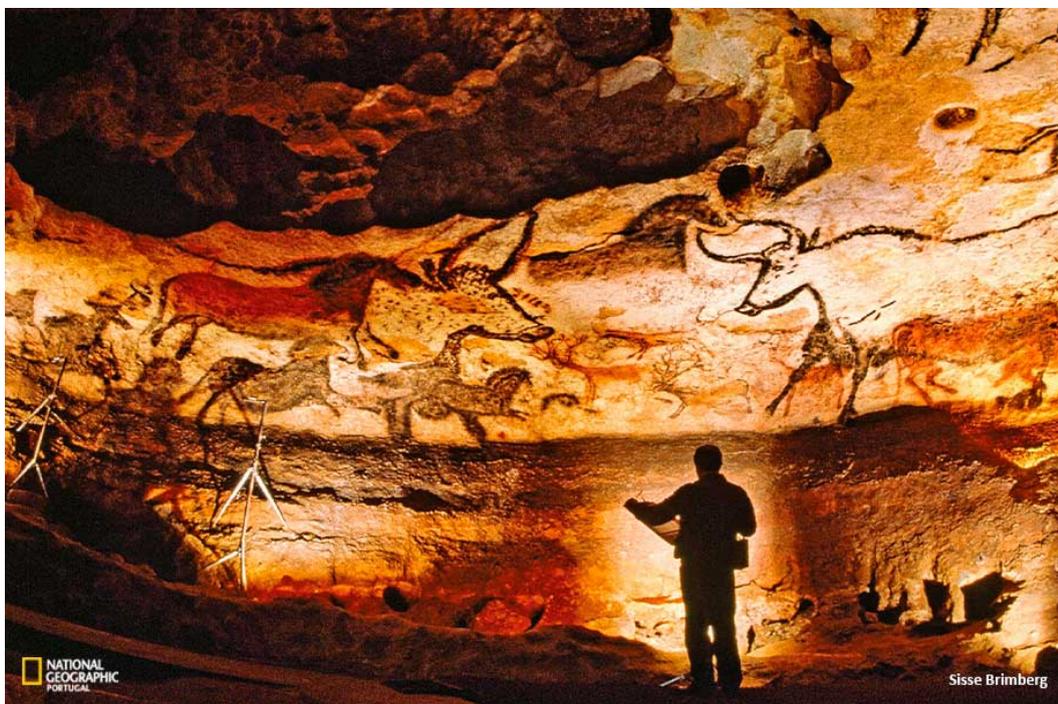
Dos pesquisadores que mais procuraram entender as mensagens por trás das figuras, foi o arqueólogo francês Andre Leroi-Gourhan um dos mais expoentes na área. Em seus estudos realizados na caverna de Lascaux, localizada no sudoeste da França, entre meados da década de 60, Leroi-Gourhan procurou entender como tais figuras poderiam promover uma leitura do espaço e do tempo dos hominídeos que viveram nessa região do globo, por volta de 17.000-15.000 a.c. No seu entendimento, a arte rupestre por si só necessitava ser como uma forma de comunicação, e não só como uma forma de ver o homem diferenciado dos outros animais, entrando em contraste com os que foi proposto por outro estudioso da área, o escritor francês George Bataille.

Como trazido por Howard Caygill (2004):

A obra de Leroi-Gourhan acerca da arte rupestre também fazia parte de um projeto mais amplo sobre a pré-história e a emergência do humano, mas conduzia a termos bastante diferentes daqueles de Bataille. Bataille era fascinado pelas figuras dos animais em Lascaux, a afecção que elas provocavam e a evidência que elas representavam da transição da animalidade para o humano. O fascínio de Leroi-Gourhan residiu mais nas marcas abstratas e geométricas que são deixadas nas cavernas, e que provavelmente são mais difundidas

do que as imagens exclusivamente figurativas discutidas por Bataille. Para Leroi-Gourhan, essas marcas documentam a emergência estética do humano no ato de percepção aliado ao controle tecnológico, e não à afecção de excesso. Desse modo, em seu grande estudo sobre a arte rupestre, *The Dawn of European Art: An Introduction to Palaeolithic Cave Painting*, o enfoque de sua pesquisa recai sobre a emergência da percepção espaço-temporal humana atestada nas marcas arcaicas. A atenção dispensada à emergência do espaço e do tempo – a cada um é designado um capítulo – relaciona a obra de Leroi-Gourhan à estética transcendental kantiana, cuja exposição também é organizada em termos de espaço e tempo. Para Leroi-Gourhan, as origens estéticas da humanidade residem mais na organização da percepção humana do que na afecção; esta organização, além disso, é tecnologicamente mediada. Na medida em que se distingue de Bataille, Leroi-Gourhan vê a tecnologia como crucial para a definição do humano; para ele, o *homo sapiens* é o *homo faber*, e as obras de arte rupestre são evocadas como evidência desta continuidade. (CAYGILL, 2004, 14)

Fig. 01: Representações rupestres na Caverna Lascaux, França



FONTE: National Geographic, 2021

### 3.1 Pinturas rupestres no parque nacional da serra da capivara (CE)

A história de ocupação do atual Brasil começou muitos anos antes de qualquer colonizador europeu desembarcar em nosso território. Até mesmo antes das distribuições das nações dos povos nativos, onde por vezes são compreendidos como a pré-história, humanos abrigavam-se e espalharam-se por pontos peculiares em diversas localidades.

Estima-se que este povoamento pelos primeiros grupos humanos se deu entre o final do período da história conhecido como Pleistoceno e o início do Holoceno, por volta de 12 mil a 8 mil anos atrás. Nesse momento, as ocupações na América do Sul vão se dar nas regiões a leste do continente, conhecidas como terras baixas, marcada pela presença de vales de rios, sendo rotas de entrada para o interior; florestas exuberantes e abundância de coleta (BUENO, 2015).

Uma das localidades que são tidas como os primeiros pontos de ocupação humana do território está onde hoje se encontra a Serra da Capivara, no atual sul do estado do Piauí, nordeste do Brasil. Estudos arqueológicos demonstram que os seres humanos que ocupavam esta região neste período faziam uso da coleta e da caça, apresentando habilidades características adaptadas para a realidade da floresta tropical existente no período. Os rituais e o cotidiano dos povos que ocupavam esta região ficaram marcados nas paredes das cavernas através de gravuras e desenhos, sendo mais uma marca de comunicação dos primeiros habitantes.

Fig. 02: Localização dos sítios arqueológicos com datas entre 12.000 e 11.000 anos



Fonte: BUENO, 2015

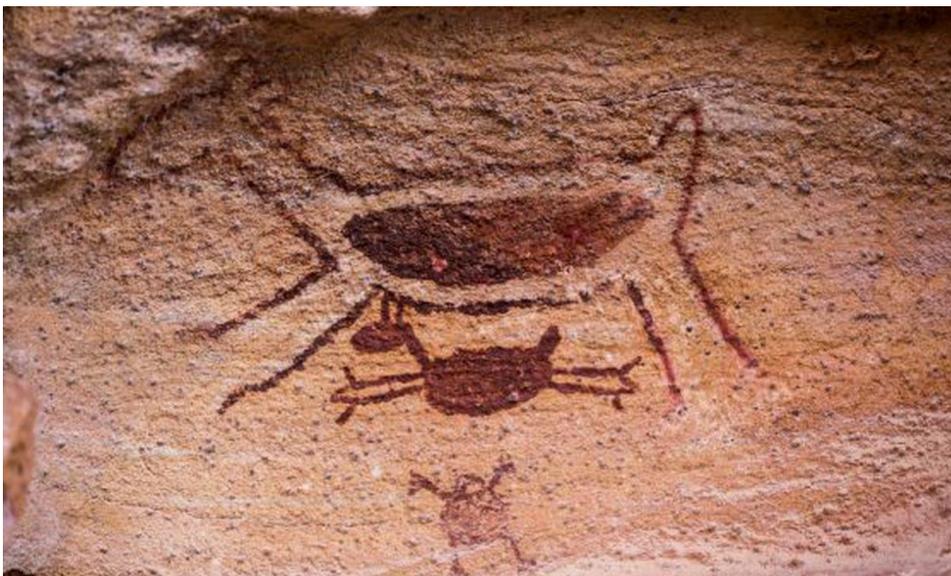
Atualmente a serra da capivara é considerada o maior parque arqueológico do mundo. Com uma área aproximada de 130 mil hectares, são pouco mais de 1 mil

sítios arqueológicos presentes em toda a região, desses, 600 apresentando gravuras rupestres. É uma região tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), como também foi criada a FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano), sendo importantes incorporações para a preservação e proteção da história dos antigos povos, bem como para a transmissão dos conhecimentos para que visita o parque durante todo o ano.

Fig. 03: Pedra furada na serra da Capivara (PI)



Fig. 04: pinturas rupestres na serra da capivara (PI)



Fontes: IPHAN e El País

### 3.2 Pinturas rupestres no parque nacional da pedra furada (PE)

O parque nacional da pedra furada está localizado no município de Venturosa, agreste do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. Formada por uma rocha única de granito de 200 metros de largura e aproximadamente 40 metros de altura, apresenta uma característica peculiar de um arco com 100 metros de extensão, sendo este, um dos cinco maiores arcos naturais existentes no mundo.

Fig. 05: Pedra furada, município de Venturosa (PE)



Tal característica foi um dos fatores para a ocupação da área pelos primeiros povos que ocuparam a região, sendo uma importante fonte de abrigo às intempéries, proteção a invasores e predadores que existiram no período, como também vantagem visual, principalmente pela localização em uma área elevada do relevo.

Com isso, também existem na área a presença de gravuras rupestre nas paredes no arco, reproduzindo a vivência dos seres humanos que ocupavam tal região. As gravuras são bem menos numerosas em comparação a outros parques que existem no território nacional, porém, são importantes instrumentos de estudo para a arqueologia contemporânea.

Toda a área do arco da pedra furada está exposta às intempéries climáticas, fazendo com que as pinturas se tornem mais desbotadas em comparação a outras existentes em outros parques. Além disso, existe uma maior permissividade para a exploração do turismo, com a entrada de visitantes, no qual, eles não só podem ver as gravuras, como também deixar marcas. Tal situação provoca um conflito paisagístico entre as relíquias pré-históricas e os manuscritos modernos.

Fig. 06: Imagem da pedra furada, município de Venturosa (PE)



Fonte: Autor

Fig. 07: Imagens de gravuras rupestres no parque da pedra furada (PE). Atenção às gravuras recentes de visitantes ao local.



Fonte: Autor

#### 4 ORIGENS DOS GRAFISMOS CONTEMPORÂNEOS

As simbologias rupestres carregavam consigo uma forma, ainda que primitiva, de comunicação entre o emissor e o receptor da mensagem. O que era transmitido sempre mostrava-se diretamente na paisagem, com todos os conceitos e pensamentos sendo demonstrados de forma direta na paisagem. Contudo, com a evolução natural do pensamento cognitivo dos *homo sapiens*, as mensagens transmitidas foram ganhando profundidade, necessitando uma compreensão que vai além do simples olhar.

Com isso, chegamos nos grafittis modernos e contemporâneos, presentes em diversos murais nas paisagens das grandes e pequenas cidades em todo o mundo. Uma forma de expressão tipicamente urbana, se diferenciam e marcam por vezes a homogeneidade do cinza.

Não há ao certo uma origem única para os grafismos contemporâneos. Pode-se dizer que foram desenvolvidas técnicas pela necessidade ou pelo desafio de driblar os sistemas vigentes, por vezes, repressores a essas características peculiares. Um importante desenvolvedor das pinturas urbanas foi o pintor mexicano Diego Rivera, que em um contexto de crise política em seu país, buscou expressar uma mensagem de luta e união através de murais confeccionados por ele (MOURA, 2014) **Fig. 08**. Um diferencial marcante foi a escolha de espaços sociais para a exposição de suas obras, locais estes voltados para o convívio público.

Fig. 08: Mural intitulado União dos povos pan-americanos.



FONTE: Arte fora do museu

Logo, o trabalho promovido em murais foi ganhando as ruas de cidades no mundo, bem como sua produção sendo desenvolvida por cidadãos pertencentes às camadas básicas das sociedades. Por vezes usando técnicas artesanais, houve o desenvolvimento de traços típicos, no que hoje poderíamos entender como as pichações atuais presentes na paisagem urbana global. Sendo uma técnica muito rápida e menos elaborada em comparação ao que existia até então, foi-se aplicado um dinamismo determinante para a sua aplicação. Com isso, torna-se acessível para que diversos jovens se apropriem da pichação como forma de luta política e social, em diversas cidades e metrópoles, e em diversos momentos marcantes de suas histórias.

#### **4.1 Nova York e as territorialidades das paisagens**

Nova York é uma das metrópoles globais mais importantes que existe, sendo atualmente a imagem do poderio Estadunidense, principalmente quando se fala em fatores econômicos e de consumo cultural. Mas este cenário atual pouco lembra a Nova Iorque “barra pesada” típica dos finais no século XX. As décadas de 70 e 80 foram desafiadoras para os gestores, com o município praticamente decretando falência, sem conseguir gerir os serviços mais básicos, como limpeza pública, segurança, saúde. Outros fatores foram a saída de empresas do território presentes na costa leste dos Estados Unidos, para se instalarem em regiões com mão-de-obra mais barata, principalmente países em desenvolvimento, na chamada era das transnacionais, como também a crise do petróleo que assolou o mundo todo no início da década de 70. Tais questões foram os fatores imediatos de ondas fortes de desemprego e recessão econômica no recorte histórico.

Foi nesse contexto caótico que os grafites e as pichações modernas ganharam importância na vida de jovens nova-iorquinos. Principalmente negros ou imigrantes latinoamericanos, advindos das camadas mais baixas da sociedade americana, além de moradores da periferia do grande polo urbano, encontraram uma forma de

latinoamericanos, advindos das camadas mais baixas da sociedade americana, além de moradores da periferia do grande polo urbano, encontraram uma forma de comunicação entre si e com os demais membros. O entendimento de diversos autores sobre o tema é a conclusão de que os primeiros registros de uso de tinta spray para marcar territórios são da vizinha Philadelphia, mas não há dúvida que Nova York foi centro maior de difusão desta arte, como trazido em artigo pelo Doutor em História Social William da Silva e Silva:

Provocando motivações em abundância, em muitos adolescentes, o grafite se propagou no cenário internacional a partir de ações de jovens indivíduos residentes em solo norte-americano. Em uma das versões sobre a origem do grafite urbano contemporâneo, o início da prática deste fenômeno moderno, caracterizado pelo uso da lata *spray*, foi em meados da década de 1960 na Philadelphia, logo depois irradiando-se para localidades vizinhas. Todavia, sua propagação irrefreada pelas cidades do mundo teve como epicentro Nova York, mais fortemente os bairros Manhattan, Bronx e Brooklyn, bairros marcados por forte presença de grafite urbano desde os primeiros anos, e a lata spray foi uma das responsáveis por isso (SILVA e SILVA, 2014, p.218).

Fig. 09: Primeiras técnicas aplicadas em um muro nas ruas da Filadélfia, anos 70.



FONTE: Picturing Black History

Foram desenvolvidas técnicas de traços e linhas típicas dos diferentes grupos existentes na cidade, sendo assim, promovidas transmissões de códigos de comunicação através do estilo das imagens e letras. Portanto, eram promovidas as construções dos ambientes e, conseqüentemente, nas produções sociais ocorridas ao longo de um determinado tempo, constituindo assim nos diversos territórios, normalmente relacionados a gangues presentes na cidade de Nova York. (RAFFESTIN, 2005)

Em seu princípio, as marcações aconteciam no interior dos metrô que circulavam por pelo município, principalmente aqueles que ligam bairros como Brooklyn e Bronx ao centro comercial. Conseqüentemente e o exterior dos veículos foram preenchidos com os grafismos urbanos, fazendo com que a arte agora, passasse a ser móvel e dinâmica na paisagem.

Fig. 10: Estações de metrô na cidade de Nova York



FONTE: The Guardian

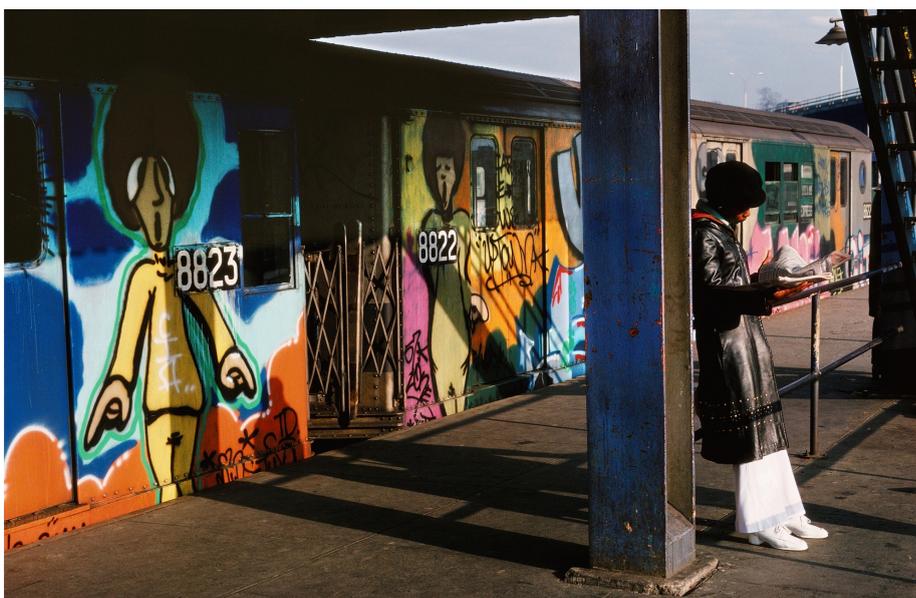
Para estes jovens, viver em um ambiente que prezava pelo consumo e por aportes de mídia de grande massa, eles eram efetivamente invisíveis aos que compunham as classes dominantes de seu período. O grafite (e/ou a pichação) se tornava uma forma de manifesto, uma tentativa de se jogar luz a uma parcela significativa da sociedade norte-americana que não era enxergada, ou fingiam que não existia. Logo, através do uso midiático e do poderio cultural dos Estados Unidos, os conceitos existentes nas suas grandes cidades foram se espalhando pelo mundo, começando nas metrópoles globais, atingindo a posteriori metrópoles periféricas. Sem perceber, os grupos de jovens nova-iorquinos mostraram que as desigualdades não eram uma exclusividade americana, pois, a partir de então, demarcar as cidades foi uma tentativa de diversos membros das camadas baixas existentes em outras diversas metrópoles pelo resto do mundo, uma forma de luta e de resistência.

Os problemas pelos quais passavam os jovens americanos, não eram fatos isolados daquela região e daquele país. O grupo de indivíduos que enfrentavam as misérias pessoais enquanto enxergavam a prosperidade excessiva de outras pessoas em um contexto dito democrático, onde teoricamente o acesso a uma vida confortável é direito de todos, existia e existe em jovens de outros países. Os jovens americanos e de outras partes se utilizaram da liberdade democrática para escrever o que bem entendessem no espaço público de suas cidades, criando o desconforto de camadas mais altas da sociedade. [...] Entendemos que o Graffiti ocorreu em um quadro contestador da juventude. Que começou localmente, mas devido a pontos em comum como a idade, a desigualdade social e a facilidade de

propagação pela cultura de mídia, logo atingiu vários países criando uma identidade que seria simultaneamente “anacional” e local. Pois o Graffiti exportado de Nova Iorque parece ter ganhado outras ressignificações e assimilações nas regiões onde foi absorvido em decorrência dos pontos específicos de cada um, ou melhor, do que os diferenciavam entre si. (CASCADO, 2008, p. 146)

Não demorou para que toda essa estética promovida fosse assimilada pela cultura do consumo, especialmente da moda. As gírias, músicas, roupas e danças também se tornaram a marca dos grafiteiros, uma forma de levar para qualquer lugar suas tentativas de enxergar as desigualdades que eles presenciaram. Afinal, em uma sociedade onde uns são mais iguais que os outros, nada mais adequado do que a busca de se diferenciar. Eles promoviam seus próprios estilos, utilizando-se dos itens industriais e mercadológicos já existentes (CASCADO, 2008), sendo tão marcante que após o seu uso pelos grafiteiros, a indústria teve de se adaptar e desenvolver produtos voltados para essa comunidade. Em uma sociedade capitalista e defensora da propriedade privada, até mesmo quando ela é confrontada, dá-se um jeito de fazer dinheiro, de girar as engrenagens da economia.

Fig. 11: Plataforma do Metrô em Nova York em meados dos anos 70



FONTE: Vice

Aos poucos a estética “rebelde”, questionadora e contracultural foi vista pelas grandes marcas também como arte. Ainda que já existisse anteriormente a exposição de murais e artes de protesto em centros voltados ao culto artístico em partes importantes do mundo, um forma de arte que unisse os dois mundos, somada a um clima de inflação de leis e da ordem pública, nunca foi trazido à tona até então. Neste momento, não necessariamente a arte do grafite veio ao museu ou a alguma exposição existente em uma metrópole, e sim, ocorreu o efeito contrário. Isto se deu, afinal, porque a cidade agora é o museu de arte do grafiteiro. Suas telas são os muros, as paredes, as fachadas dos prédios. A arte urbana não consegue ser cercada ou oprimida: “As transformações geradas pelas intervenções artísticas no espaço urbano, a partir dos anos 1960, são oriundas de preocupações que motivaram artistas a romper com espaços convencionais destinados à exposição de suas obras, como os museus e as galerias de arte, buscando outros territórios para realizarem suas experiências. Essas mudanças geraram novas interrogações em suas ações artísticas, transformando as concepções em relação ao espaço, local e lugar e, fundamentalmente, ampliaram as interferências no espaço urbano.” (BLAUTH, 2012)

Fig. 12, 13, 14: Muros grafitados por pontos da cidade de Nova Iorque





FONTE: Street Art NYC

#### **4.2 Movimentos de insurreição de maio de 68**

O período pós-segundo guerra mundial trouxe consigo, diversos desafios para as sociedades de todo o mundo. Questões relacionadas a economia global e local, instalação de novos conceitos políticos e ideológicos, além da dissolução ou da independência de alguns territórios, foram fatores pertinentes presentes no período de vinte anos pós-guerra. Na europa, os desafios iam desde a reconstrução de cidades importantes, até os rumos traçados para um recomeço econômico dos Estados. Um desses países foi a França, que estava plenamente inserida no chamado capitalismo de acúmulo até então. Na verdade, não era uma exclusividade, pelo contrário. Esta era uma tendência presente no capitalismo da época, onde diversos países adotaram este modelo que, porém, já dava sinais de cansaço em meados da década de 60 e 70.

Somando a este contexto, a França passava por um momento de forte migração de sua população, sendo estabelecido um êxodo rural em direção aos grandes centros urbanos do país; bem como a imigração de pessoas de outros países, especialmente da Argélia, antigo território francês que conquistou sua independência no início dos anos 60, após um conflito duradouro e intenso. A economia francesa cresceu de forma exponencial neste período, com destaque aos setores industrial, automotivo e aeroespacial. Logo, a necessidade era por trabalho, como também por mão-de-obra qualificada o mais rápido possível. Isto resulta, entre outros fatores, no sucateamento do ensino superior francês.

Com o estado integracionista, o número de serviços públicos estatais, ou ligados à dinâmica institucional, cresce exponencialmente; a consequência disso é, igualmente, o crescimento exponencial da burocracia estatal e civil. Todo esse processo requisitará um maior número de força de trabalho especializada e qualificada. As universidades, berço da produção desse tipo de força de trabalho, possuem um papel fundamental nesse processo. Mas, ao mesmo tempo, elas também começam a passar por profundas mudanças que afetarão sua estrutura e orientação educacional. (TELES, p. 5, 2018)

Este contexto de sucateamento e superlotação das universidades faz eclodir ainda nos primeiros meses de 1968, movimentos estudantis de luta contrária às mudanças impostas pelo governo ao ensino superior. Os primeiros estudantes a aderir aos movimentos foram o da Universidade de Nanterre, que fica a poucos quilômetros de Paris, mas logo também aderiram estudantes da tradicional Universidade de Sorbonne. Logo, estes movimentos não se resumiram aos muros das faculdades. Foram às ruas, com conflitos intensos com a polícia e com, principalmente, a adesão de outros membros da sociedade francesa. Trabalhadores do setor industrial, operários, que questionavam o ideal tecnicista emparelhado ao Estado neste momento. (MOURA, 2014)

O Estado apresentou suas armas, por meio de cassetetes e variados mecanismos de repressão. O povo francês, na figura primordialmente de estudantes mas que logo tiveram a adesão de outros membros da sociedade, se organizaram em piquetes e espalharam por toda a cidade de Paris seus ideais, através do uso de cartazes e de tinta spray. As pinturas nos muros se tornaram um meio de comunicação de massa, muito eficiente por sinal. Através deles, ocorria a reivindicação dos interesses propostos, que iam desde críticas às novas formas de capitalismo presentes até então, como também as formas de organização social e política presente na França neste período. (MOURA, 2014)

Em paralelo, ocorreu também um desenvolvimento da própria técnica de produção do grafite, com o advento de *stencil* ou *silk screen*, que é a pintura através de

moldes vazados feitos de cartolina ou papelão. Nele, as pinturas feitas no ambiente urbano ganharam mais agilidade e puderam ser replicadas em quantidades massivas pelos autores. Sem dúvida um avanço no mundo das street arts, apesar de estarem muito mais associadas atualmente às pinturas ilegais ou em áreas restritas.

As pinturas com tinta spray se tornaram uma marca dos movimentos de maio de 68 e logo após seu fim, se espalhou para outros grupos que promoviam o grafite em outros locais. Grandes centros como Londres também tiveram a influência desta técnica, através da sua utilização por artistas hoje renomados no universo da street art, como o exemplo do Banksy. É interessante ver como um evento deste tamanho, que até hoje é a maior greve que já existiu na história da França, tenha provocado tantas revoluções em tantos setores. A evolução do uso da tinta spray e do *stencil* para a aplicação do grafite vai além da mera técnica, mas sim, de uma nova forma de promover reivindicações por parte dos diversos membros que estão presentes na sociedade.

#### **4.3 São Paulo como introdução a cultura hip-hop e aos grafites no Brasil**

No Brasil, os primeiros movimentos de instrumentalização do grafite e das pichações no âmbito da cidade tiveram início na sua maior metrópole: São Paulo. O país passava por um período de exceção, em meio a uma feroz ditadura militar, com focos de repressão e conflitos entre pertencentes das classes trabalhadoras e o governo da época. Foi daí, que em meados da década de 70, jovens se apropriaram do uso do espaço urbano, através da aplicação de palavras de contestação e de grito contra os males vividos à época no país.

Um dos primeiros grupos a se inserir neste contexto foi o 3Nós3, sendo um coletivo formado por artistas plásticos, com o intuito de ressignificar o espaço urbano. Ganharam força com o enfraquecimento do regime já aos finais da década de 70, sendo fundamentais para expressar a luta vivida por muitos na época. (CAMPOS, 2019)

Durante a década de 80, o grafite passou por aprimoramentos de técnicas em suas aplicações, passando a fazer ainda mais, parte determinante da paisagem

urbana. Com isso, novos artistas surgiram, sob as influências da street art características de Nova York. Nomes como Binho Ribeiro e Eduardo Kobra, foram determinantes para a continuação dos movimentos nas próximas décadas. Aqui, além da expressão do jovem suburbano e suas reivindicações, a arte promovida também ganhou espaços nobres da cidade, tornando-se até rentável financeiramente.

Os movimentos de contracultura intensificados entre as décadas de 80 e 90 também ajudaram na disseminação do grafite na paisagem urbana paulistana. O grafite brasileiro está intimamente ligado ao surgimento dos primeiros Grupos de hip hop e punk rock, formados em sua maioria de jovens periféricos, advindos da classe trabalhadora e do subúrbio da cidade de São Paulo e da sua região metropolitana. Eles enxergavam na música e nas artes visuais uma nova forma de expressão que, com o tempo, se tornou mais eficiente na transmissão das mensagens de reivindicação produzida neste ambiente.

As mensagens transmitidas recaiam sobre a força do Estado brasileiro, especialmente das políticas de segurança pública sobre os pertencentes das classes básicas da sociedade paulistana. A repressão policial em um contexto de final da ditadura militar e uma transição para o regime democrático estimulavam o uso de novas técnicas de expressão. Também eram trazidas para o foco dessas comunidades as liberdades individuais, que iam desde as vestes típicas dos jovens há época, como também os debates sobre de drogas ilícitas, tal qual a maconha por exemplo.

Grupos hoje consagrados, mas que foram fundamentais para a eclosão e consolidação desse movimento no seio da sociedade brasileira. Destacam-se nomes como Racionais MC's, Pavilhão 9, Plebe Rude, Ratos de porão, que faziam parte do circuito alternativo, mas logo ganharam força em outras camadas da população. Somam-se também os diversos dançarinos de *breakdance* e dos DJ's que formaram um movimento icônico nos primeiros anos da década de 80, onde marcavam encontros em pontos importantes da área central da cidade de São Paulo, como na galeria 24 de maio e na estação São Bento.

Fig: 15: Encontro de jovens na estação São Bento, Centro de São Paulo, em meados dos anos 80.



FONTE: Iconografia da História

Contudo, a característica de contestação aos poderes sempre permanece uma marca da arte urbana empregada na cidade de São Paulo. Recentemente, as tensões com o poder público ficaram evidentes, quando a então gestão do prefeito João Dória, apagou murais produzidos por alguns dos artistas mais importantes do movimento, com o intuito de fazer uma “cidade mais limpa”.

#### **4.4 Os conflitos pelo espaço: Pichadores x poder público x poder privado**

Neste segmento do trabalho será destinado para ampliar o destaque para as divergências e tensões que existem entre os diversos poderes que regem a sociedade contemporânea, e os grupos que apropriam-se dos espaços através da aplicação de pichação (ou pixação). O intuito aqui não será de uma defesa dos grupos A, B ou C, e sim, uma exposição de fatos e análises que podem corroborar ou não com o espectro social estudado. Cabe ao leitor, portanto, promover o debate, com espaço para deixar suas concordâncias e divergências sobre a temática.

. Nos anais da sociedade, existe uma diferença clara entre grafite e pichação. Resumindo os por menores, considera-se a pichação um ato de vandalismo, sendo tratado no código jurídico brasileiro como crime, sob a ótica da lei 9.605/98 inciso 10, alterada pela lei 12.408/2011. Nela são tratados os seguintes aspectos:

Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. (JUSBRASIL)

Na alteração promovida em 2011, já previa a introdução da grafiteagem como um aspecto que iria compor o meio positivamente “com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário”, sendo assim, sem previsão de punições em qualquer escala.

Em termos jurídicos, portanto, existe a criminalização da pichação de fato, sendo esta gerida pelo código de leis civis como exposto anteriormente. Contudo, há uma dificuldade além da mera aplicação da lei. Existe também um julgamento estético promovido por quem se encontra atuante nas camadas da sociedade, seja da mais baixa ou das mais altas. Basta perguntar a qualquer pessoa e pedir uma opinião sobre o tema em questão. Poucos irão defender sua análise trazendo aspectos do lado jurídico. A maioria irá se basear em uma visão meramente estética, trazendo questões sobre o “belo” e o “feio”. Mas será que esta forma de análise de fato, reflete o que é visto pelo bem comum?

Isto porque, noções de estética são uma questão a ser discutida em vários mundos do meio artístico, como do universo das arquiteturas e paisagismos, por exemplo, promovendo aqui uma visão mais urbana. Somente o meio estético traz um leque de possibilidades de análises que dificultariam uma solução clara. Qual seria a métrica utilizada para definir os aspectos da estética presente neste contexto? Qual ótica seria promovida? Haveria o risco de um lado ser mais

favorecido que o outro no debate? Por isso, só pelo o que é belo ou pela falta dele remonta esta dificuldade de análise sobre o tema.

Por isso, a mais viável discussão se dá na composição do meio físico pertinente aos atos de pichação que, apesar de também haver diversos caminhos que podem ser percorridos, o debate apresenta mais veracidade sobre o tema. É trazido o conceito do domínio do espaço. Aqui, a tentativa se dá em compreender como este meio é produzido, levando em consideração aspectos culturais, socioeconômicos, locacionais. Esse espaço é produzido ao longo do tempo, e assim como dito por Antonio Bernardes, “a ação individual dos homens está estritamente relacionada às intencionalidades e é organizada e estruturada de acordo com os objetos e sua coerência de conjunto.” (2019)

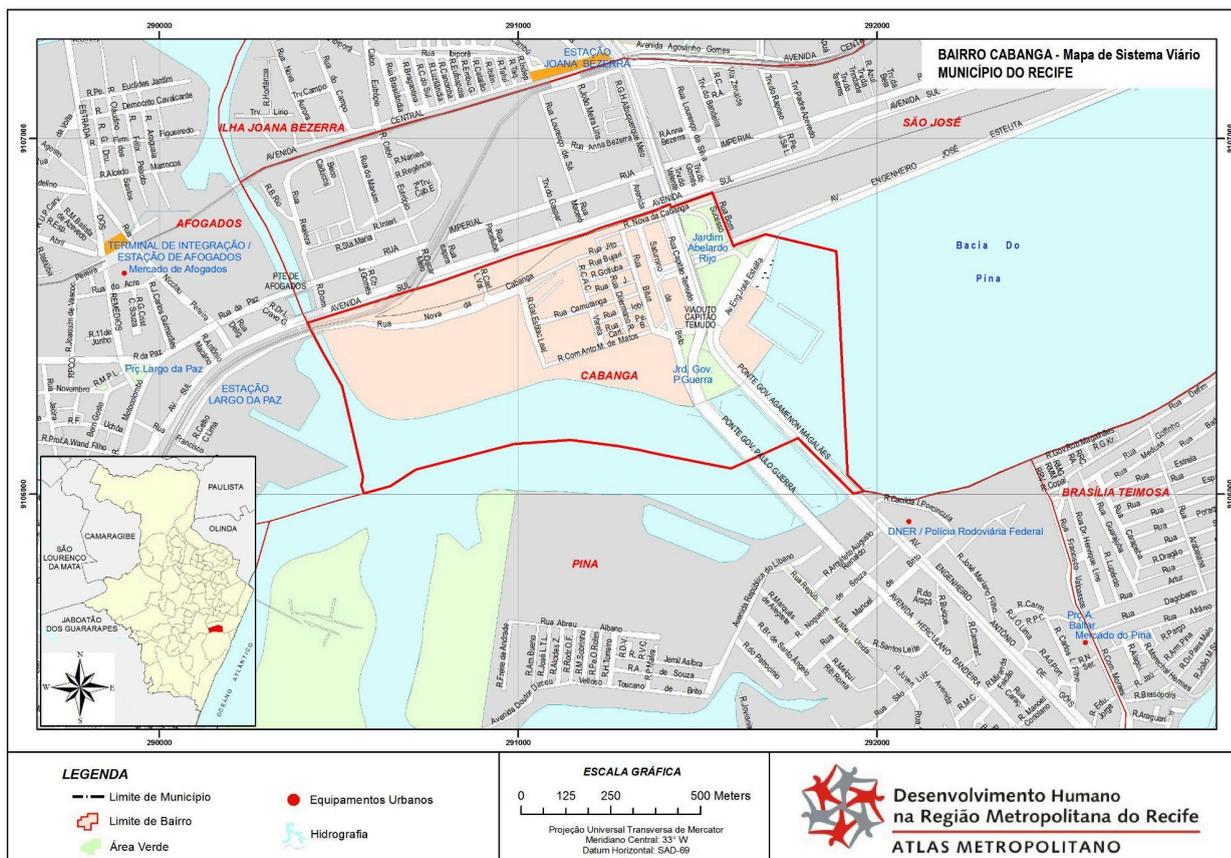
## 5 AS MARCAS DOS GRAFITEIROS NO BAIRRO DO CABANGA (RECIFE)

A primeira área na cidade do Recife escolhida para análise está situada no bairro do Cabanga, zona leste da capital. Os dados demográficos recolhidos pela prefeitura e disponibilizados no site oficial demonstram os seguintes números: O bairro possui uma área de 81 hectares, com uma população total de 1551 habitantes, sendo este apresentando uma divisão de 679 moradores do sexo masculino e 872 do sexo feminino, representando 43,78% e 56,22% dos números totais do bairro, respectivamente.

Sua população é formada majoritariamente por negros e pardos, sendo a população branca compondo a outra parcela significativa. A média do rendimento mensal por domicílios fica em torno de R\$ 1.986,08; sendo este considerado um bairro de classe média/classe média baixa, e apresenta um total de 506 domicílios catalogados pela prefeitura.

As políticas de povoamento da área onde hoje se situa o bairro do Cabanga começaram na virada do século XIX e no início do século XX, com a construção de moradias para os funcionários públicos do governo. Posteriormente com o advento do espaço para práticas náuticas *Cabanga Iate Club* em meados dos anos 40, o bairro ganhou notoriedade em nível municipal e, em períodos sazonais, destaque estadual e nacional. Contudo, quando se faz a observação em relação aos bairros vizinhos ao seu entorno, percebe-se uma diferença nítida em termos de quantitativos populacionais.

Fig. 16: Mapa com a localização do bairro do Cabanga, município do Recife



Fonte: Prefeitura do Recife

Sua vizinhança conta com bairros como Pina, Brasília Teimosa, Afogados e a ilha Joana Bezerra, além de ficar localizado na transição entre a região central do Recife e a zona sul, onde é apresentada uma localidades de forte fluxo de veículos. Outra questão importante é que apesar de ser um bairro residencial, apresenta pontos destinados à serviços, como uma estação de tratamento de água e esgoto e um quartel de suprimentos do exército brasileiro, ocupando uma área considerável. Apesar de *iate club* também fazer parte do bairro, a própria construção das avenidas e das estradas de rodagem provocaram uma divisão, dificultando a travessia por meio do pedestre entre os dois lados.

É interessante observar a configuração de um bairro de passagem, ou seja, as pessoas que cruzam normalmente não param para trafegar pelo bairro em si ou para observar o que está exposto ao redor das vias. Isto se dá pela quantidade e pelo tamanho das vias que atravessam o bairro em direção a zona sul, promovendo um fluxo gigante de veículos diariamente. Se for feita uma comparação sobre a sua

população com os bairros ao redor, traz alguns números interessantes. Segundo dados da Prefeitura do Recife, no bairro vizinho de Joana Bezerra, por exemplo, o número de habitantes fica em torno dos 12.600 pessoas. Já se comparar com os bairros da zona sul, como Boa viagem e pina, que são os principais destinos de quem passa por lá, o número chega a pouco mais de 150.000 habitantes. Enquanto isso, no bairro do Cabanga este número gira em torno de 1.550 pessoas.

Fig. 17: Imagem do tráfego na via Governador Paulo Guerra, Via google street view



Fonte: Autor

Evidentemente, a maior importância é dada para a circulação diária de veículos pela região. As calçadas presentes aos arredores do bairro, apesar de estarem bem cuidadas e terem espaço, só mantêm o fluxo de pedestres de um dos lados da via. A travessia para o outro lado é dificultada pela alta presença de veículos. Os dados sobre o comparativo do fluxo de veículos por bairro no Recife ainda são escassos, mas segundo o Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE), estima-se que em toda capital o quantitativo de veículos chega em torno dos 754.000. Considerando a importância dada aos bairros da zona sul em termos de população, é esperado que boa parcela desse número total passe pelo bairro do Cabanga, entre veículos particulares e de uso público.

Fig. 18 Calçada presente logo na entrada do bairro, próxima a estação da compesa



A situação mais presente na região é a presença de muros e cercamentos, que tem a função de delimitar os espaços e acessos a instalações de cunho público e/ou privado. Como visto até então, e como se torna comum em diversos outros espaços nas cidades, essas estruturas provocam um aspecto de divisão, de separação, o que faz aumentar consideravelmente a heterogeneidades presentes em uma determinada região. São estes os espaços onde ficam expostos os elementos, estando claramente visíveis para quem passa pelo bairro. Porém, ao mesmo tempo eles provocam um dualidade entre o invisível também, por vezes não tendo a devida importância dada aos que trafegam pelas avenidas próximas.

Para tanto, a arte urbana toma para si exatamente estes espaços como uma forma de expressar as reivindicações das classes marginalizadas pelo poder público e privado, utilizando-se do grafite para por em prática suas manifestações. No Cabanga ele está presente logo na entrada do bairro (FIGURA 12). Observa-se a presença destes elementos no muro da estação de tratamento de água e esgoto, pertencente a compesa, companhia pernambucana de saneamento Portanto, um órgão de gerência do governo do estado, apresenta a presença deste tipo de arte, podendo ser, uma forma de melhorar visualmente uma área estritamente administrativa e estratégica. É observado também no outro lado da avenida, no muro do iate club, onde pelo contrário do anterior, é um ambiente de gerência privada, mas que também foi promovido esta forma de ambientação. Outros pontos da área também apresentam grafismos, mas em menor escala.

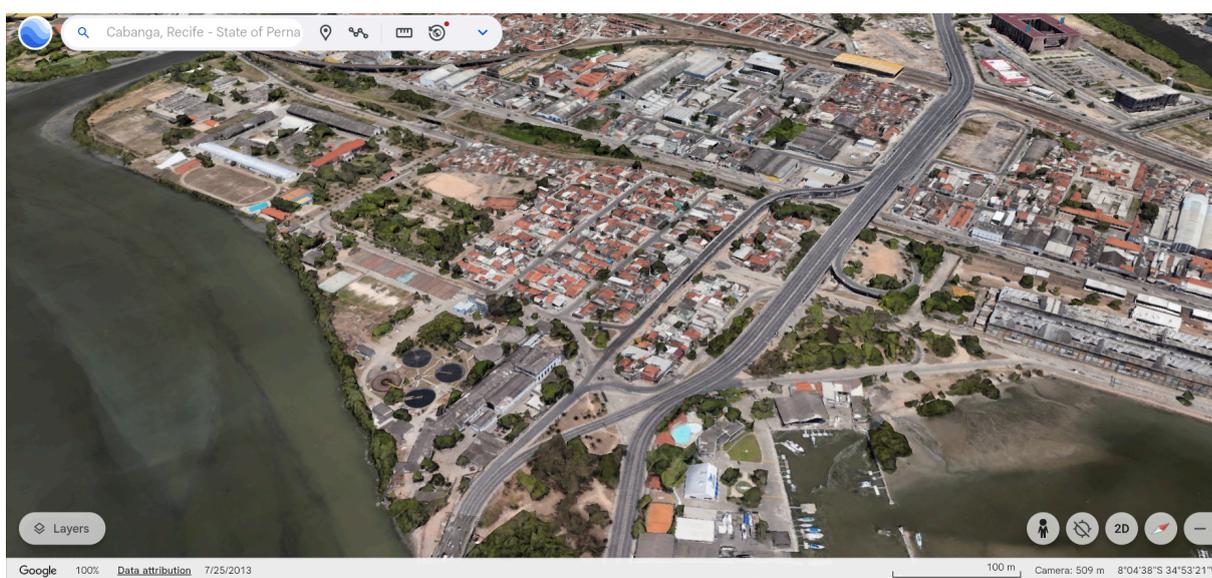
Fig. 19, 20: Grafiteagem em muros na entrada do bairro do Cabanga, Recife



Fonte: Autor

O que será proposto como ponto de análise é a busca pela compreensão sobre as principais pautas expressadas pelos artistas que promoveram sua arte especificamente neste ambiente do Cabanga. Por isso, observar as pautas tratadas, com destaque as desigualdades sociais da população, além das questões inter-raciais comuns no período contemporâneo, são caminhos de partida para um melhor desenvolvimento do trabalho. Mas além de meramente observar as pinturas e entender sobre do que se tratam, está na análise onde elas estão localizadas. Não existe um espaço adequado para contemplação por parte dos pedestres ou dos moradores do bairro, contribuído pelo intenso fluxo de automóveis que seguem ou saem da zona sul do Recife.

Fig. 21 Imagem de satélite do bairro do Cabanga utilizando google Earth



Fonte: Autor

Porém, uma das questões sobre o grafite ou da pichação está em, além de promover reivindicações ou manifestações, no fato de não precisar (necessariamente) ser visto por todos que passam por eles. Estes grafismos vão estar sempre onde menos se poderia imaginar, podendo surgir ou desaparecer muito rápido. Contudo, sempre vão expressar os pensamentos dos diferentes grupos, por vezes invisíveis socialmente.

Portanto, é compreensível também que o próprio Cabanga figure como um bairro invisível da cidade do Recife, tanto em questões de investimento público, pela sua localização geográfica, como também pela própria configuração do bairro, desde seu povoamento inicial, até o presente momento, com a presença marcante de avenidas e viadutos de largo fluxo, muros e cercamentos. Exatamente por esses fatores, cabe promover uma compreensão do que está sendo proposto e trabalhado através da inserção destas artes urbanas nesse ambiente.

## 6 RESULTADO E DISCUSSÕES

Nessa seção serão expostos os resultados da pesquisa feita no bairro do Cabánga sobre o grafite presente nas paisagens da região, além da sua ligação com o ambiente educacional em sala de aula ou fora dela. Para isso, foram levantadas algumas questões de carácter bibliográfico de autores pertinentes do ambiente educacional e social, com o intuito de enriquecer o tema em questão.

### 6.1 APAGANDO PRECONCEITOS: O ENSINO DE GEOGRAFIA COM ARTES URBANAS

O ensino nos dias atuais busca promover a diversidade e a democracia em sala de aula. Trazendo aspectos presentes na vida do aluno, o professor tem o papel de mediar as experiências cotidianas com os conteúdos pré-estabelecidos pelos órgãos de ensino, tanto no âmbito privado como público. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz como um dos eixos principais de desenvolvimento educacional infantil os “campos das experiências”. São estruturados em cinco tópicos: *O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades; Relações e transformações*. (BNCC, p. 40-43)

Pegando como exemplo o tópico *Traços sons, cores e formas*, é definido na BNCC com o seguinte aspecto:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. (BNCC p. 41)

Um dos desafios mais importantes para o futuro do ambiente educacional se encontra na capacidade de manter o foco do aluno dentro da escola, transformando a educação em um objeto de humanização. Com isso, o aluno poderá compreender sua importância no meio onde vive, onde ele é construído, mas também é um construtor deste ambiente (Henckemaier, 2016). Observa-se em diversos casos que a escola se torna um dos poucos, se não o único ambiente onde alunos vindos das camadas da base da sociedade tem acesso às artes, com especial visão as artes plásticas e visuais.

Trazer para o estudo um aspecto presente no ambiente onde muitos deles convivem pode ser um desafio mas também uma das saídas para um ambiente escolar. Sendo assim, o uso das relações dos indivíduos com o meio tem sua importância na construção plena do saber educacional, principalmente por aproximá-los de uma realidade que faz parte da grande maioria dos estudantes da educação básica.

Portanto, as artes urbanas estão corriqueiramente presentes na vida de cada aluno inserido no ambiente educacional, o que, trazendo para a disciplina de geografia, incorpora diversos campos de estudos, em especial no que se refere a análise do território e da paisagem, sendo mais uma ferramenta que poderá ser utilizada para o ensino e de integração deste aluno não só no ambiente escolar, bem como na sociedade.

## **6.2 Trabalhando conceitos de território e paisagem em sala de aula**

Os conceitos principais de território e paisagem explorados em sala de aula são atualmente alicerçados nos ideais propostos pela geografia crítica já nos meados do século XX, tendo autores brasileiros influenciados por essa corrente, sendo o mais utilizado nos materiais escolares na figura de Milton Santos. Para ele, o território não é apenas um espaço físico delimitado e consentido, apenas gerido pelas relações de poder. Ele é também um ambiente de apropriação, de uso pelos diferentes agentes sociais (QUEIROZ apud. SOUZA, 2013).

Retomando o exemplo expressado na análise presente no bairro do Cabanga, no Recife, podemos destacar os significados trazidos nas figuras marcadas pelo grafite

nos muros da região. Aqui, a compreensão se remonta em primeiro plano as figuras gravadas no muro pelo grafite e os seus significados perante a sociedade, e em segundo plano e em uma análise mais profunda, ao autor responsável pelos grafismos e a sua importância em dar significados aos mesmos.

O grafite e outras formas de manifestação de artes urbanas presentes atualmente, tem o papel de quebrar e confrontar os mecanismos pré-estabelecidos no que se diz respeito às leituras paisagísticas e de espaço. Tais leituras carregam com si interpretações coloniais e conceitos eurocentristas, causando em determinados momentos, uma invisibilização do jovem periférico do centro urbano. Por isso, o seu uso joga um holofote na demandas esquecidas pelo poder público, trazendo uma autoestima para os mesmos (BRITO, 2024)

A importância também recai sobre o local de análise, sendo o bairro do cabanga um espaço, por vezes, ignorado pelo poder público no aspecto do lazer e recreação da população local. Na busca pelo entendimento da paisagem e dos territórios consequentes, é possível entender o ambiente urbano como a interação do meio físico-natural, os agentes que constituem a sociedade e o espaço construído em si (SHISHITO, 2017). Assim sendo, os grafismos carregam um significado de ser um dos poucos ambientes de contemplação, ainda que passe despercebido no cotidiano urbano da área.

Pensando em como trabalhar o assunto proposto em sala de aula, foi montado um plano de aula. Nele, o conteúdo será exposto em três aulas de 45 minutos cada, Para isso aplicação será feita da seguinte forma:

Na primeira aula, o professor deverá expor em sala a importância do uso de grafismos para a humanidade. Passando desde a era pré-histórica com o uso feito pelos nossos ancestrais, pelo uso na antiguidade clássica, chegando na era contemporânea, com seu uso aplicado em muros na forma de grafite e com ideais de protesto ao redor do mundo. A metodologia empregada será o levantamento bibliográfico, auxiliado pelo uso de imagens através de projetor em sala. Será proposto aos alunos a opinião pessoal deles sobre o uso destes grafismos durante a história e em como eles enxergam seu uso atualmente.

Na segunda aula será proposto como metodologia um trabalho de campo ao local proposto durante a aplicação deste trabalho, portanto, o muro da compesa

localizado no bairro do Cabanga no Recife. Em caso de impossibilidade de presença física dos alunos no local, a alternativa será o professor levar para sala imagens referente ao local já citado. Por fim, como objetivo da atividade deverá ser pedido para que os alunos se dividam em grupos de três ou quatro pessoas, para discutir o que é visto no local. Aspectos como local, paisagem, ambiente, aspectos sociais e econômicos deverão ser levados em consideração.

Já na terceira aula, será proposto aos alunos os resultados e uma posterior discussão sobre as imagens vistas no local. Como forma de incentivar a discussão, será pedido para que os alunos relacionem com os temas vistos na primeira aula e também na resposta de perguntas como por exemplo: O que os grafismos vistos no bairro do Cabanga querem retratar? Como que os grafismos na antiguidade clássica poderiam se relacionar com os atuais? Quais linguagens de protestos foram vistos nos grafites no bairro do Cabanga?

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade ao longo de sua história, procurou diversas formas de expressar sua comunicação entre si. O uso de grafismos em paredes de cavernas foi um primordiais aspectos utilizados e sem dúvida, um dos mais característicos e singulares. Os rituais e a vida cotidiana dos nossos ancestrais, apresenta uma das formas possíveis de entender é a partir da análise e leitura dos desenhos impressos nas paredes de cavernas ao redor do mundo. O uso iconográfico é pioneiro no que se diz respeito à transmissão de comunicação entre diferentes povos.

Quando olha-se para a contemporaneidade, é possível identificar que diferentes grupos ainda utilizam-se de grafismos para expressar suas reivindicações e culturalidades. O século XX foi onde, com o uso do grafite e de pichações, houve a popularização da utilização desses instrumentos no meio urbano. Sob o olhar das forças vigilantes das classes sociais mais proeminentes das sociedades, as grandes cidades foram ganhando novas cores, ainda que passassem despercebidas por muitos.

As reivindicações de um povo também foram vistos nos grafismo feitos por Diego Rivera, expressando o desejo de união do povo mexicano em um contexto de crise política, sendo importantes também para o debate e a abertura para o tratamento de murais grafitados como arte moderna, promovendo suas exposições em ambientes que outrora, não aceitariam tal arte. Há a importância fundamental da produção por jovens negros periféricos da costa leste dos Estados Unidos, bem como pelo uso por militantes em protestos em centros europeus, mostrando as suas indignações perante ao abuso promovido pelo Estado, através de grafismos em muros das cidades. O grafite definitivamente se tornou, além de um instrumento de luta, parte da cultura pop mundial.

Aqui no Brasil, este processo começou a tomar forma e ganhar novos personagens entre as décadas de 70 e 80, principalmente nas grandes metrópoles da região sudeste, com destaque a São paulo, onde jovens se encontravam na região central da cidade para, além de grafitar, escutar rap, dançar *break*, e discutir sobre a vida em uma grande metrópole. Logo, outros centros culturais do país também aderiram, com destaque a Recife, já na metade dos anos 80. O foco estava

voltado na busca permanente de mostrar a hipocrisia da nossa sociedade perante aos problemas de cunho econômico, político e racial, que ainda nos dias atuais, aparentam estarem longe de serem resolvidos.

Atualmente, o grafite e outras formas de expressões iconográficas presentes no ambiente urbano, fazem com que cada espaço seja preenchido e disputado por diferentes atores. Nas grandes metrópoles essas marcas na paisagem se tornam locais de reivindicação, ainda que no movimento cotidiano elas sejam ignoradas por muitos. Contudo, aos poucos ocorre um movimento de valorização por parte dos agentes públicos, olhando como mais uma forma de trazer colorido às cidades, cada vez mais cinzas e sem alma cultural para a população.

Vale ressaltar que grandes porções do ambiente urbano estão ganhando cada vez mais a presença do grafite, sendo um fator determinante quando se estuda a composição da paisagem. Espaços do centro histórico das grandes metrópoles são destinados para a sua produção, dando o valor devido aos artistas que por muitos anos foram tratados à margem do que se chamava arte.

Porém, é importante entender o local onde esses grafites estão aplicados e o porquê como também quem promoveu esta ação. Afinal, este movimento nasceu com o caráter de reivindicação de melhorias na vida dos jovens advindos das classes básicas de grandes cidades dos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil. Portanto, o mero uso comercial (Instagramável) ou com o viés de quem está no poder e “pagou” pela obra também é passível de compreensão.

Olhando sobre sua importância dentro e fora de sala de aula do uso das artes urbanas, pode-se dizer que ela está presente na autoestima do jovem periférico que vive nas metrópoles, enxergando no uso e aplicação do grafite uma forma de se expressar e de se comunicar, muitas vezes em pontos estratégicos das cidades. Alguns, por falta de opção ou por livre escolha, opta pela aplicação ilegal e em ambiente não autorizado de instrumentos característicos do uso grafite. Pela falta de informação ou confusão quando se estuda as suas aplicações, provocou por muito tempo uma situação que alimentou o preconceito e a discriminação das artes urbanas, dificultando sua aplicação em ambiente escolar, por exemplo.

Portanto, observando a aplicação maior do seu uso do cotidiano do aluno dentro do ambiente escolar, as leituras feitas do espaço urbano tornam-se indissociáveis

dos grafismos recentes, podendo bem como serem utilizados, como instrumentos de análise dos territórios e da paisagem através, não só da interpretação dos mesmos em primeiro plano, mas também onde eles estão inseridos na cidade (bairro, rua, instituição), levando em consideração a sua importância para estes locais. Assim sendo, torna-se uma nova arma de ensino da geografia em sala de aula, promovendo a inclusão e uma luta contra o preconceito que ainda persiste sobre esta forma de arte mais recente.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDES, A. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. *Formação (Online)*, v.27, n. 50, p. 275-299, 2020.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *Position de recherche, Ecole de hautes etudes en sciences sociales*, Paris, 1984.
- BLAUTH, L. Arte, grafite e o espaço urbano. Programa de pós-graduação em artes visuais, *palíndromo*, n.8, 2012.
- BRITO, M. V. Em busca de novos sentidos para a paisagem da pequena África. story map da arte urbana como prática pós-colonial de ensino da geografia. *Relações étnico-raciais e artes na educação básica: desafios e possibilidades*. IFSertãoPE, Petrolina, 2024.
- BUENO, L. DIAS, A. Povoamento inicial da América do sul: contribuições do contexto brasileiro. *Estudos avançados* 29, 2015.
- CAMPOS, R. , Arte urbana, poderes públicos e desenvolvimento territorial: uma reflexão a partir de três estudos de caso, *Etnográfica [Online]*, vol. 25(3), OUT, 2021.
- CAMPOS, E. B. V. Grafite: manifestação artística presente no estado de São Paulo e suas implicações sociais e culturais. *Revista Científica do Centro Universitário de Jales (Unijales)*, São Paulo, 2019.
- CASCARD, A. Graffiti contemporâneo: o consumo assumido. IV encontro da história da arte, IFCH/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2008.
- CAYGILL, H. Lascaux digital. *Revista de ciências sociais*, n.21, p. 9-17, OUT, 2004
- CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: uma antologia. *EDUERJ*, V. 1, p. 239-242, Rio de Janeiro, 2012.
- FERRARI, A. OLIVEIRA, B. T. Marcas na escola: Pichação, Grafite e subjetividades no ensino com artes. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, 2020.
- GOVERNO FEDERAL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 2023.
- HENCKEMAIER, L. I. F. Educação pela arte do grafite em escola pública: Uma proposta de participação. *Educação, artes e inclusão*. UDESC. v. 12. nº 2. Florianópolis, Santa Catarina, 2016

HOLZER, W. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. Espaço e cultura, UERJ, n. 17-18, p. 55-63, JAN/DEZ, 2004.

LACOSTE, Y. Paysages politiques. Paris, Le livre de poche, 1990.

LEITE, A. E. Graffiti em SP: Tendências Contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2013.

HAESBAERT, R. "Território e desterritorialização em Deleuze e Guattari" em O Mito da Desterritorialização. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2017.

JUSTAMAND, M. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas. Revista arqueologia pública. Campinas , São Paulo. v. 11, n. 1, p. 130, JUL, 2017.

JUSBRASIL, Art. 65 da Lei Nº 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998. <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11331651/artigo-65-da-lei-n-9605-de-12-de-fev-ereiro-de-1998>> acesso em 20 de novembro de 2023.

MACHADO, F. A arte urbana na escola: hibridismo, estênceis e grafite como potências do protagonismo juvenil. II seminário institucional PIBID-UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, DEZ, 2017.

MOURA, T. S. R. Pixadores, grafiteiros e suas territorialidades : apropriações socioespaciais na cidade do Recife / Thiago Santa Rosa de Moura. – Recife: O autor, 2014.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. Geotextos, v. 6, n. 2, p. 163-186, DEZ, 2010.

QUEIROZ, T. Espaços geográficos, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. Para onde!?, v. 8 (2), p. 154-161, AGO/DEZ, 2014.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, M. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos / Milton Santos; tradução Myrna T. Reso Viana. -2. cd.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA-E-SILVA, W. A história do desenvolvimento do grafite urbano contemporâneo nos Estados Unidos de 1965 a 1979. Cadernos do centro de ciências sociais da UERJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 217-229, 2014.

SHISHITO, A. A. A nova geografia cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 11, n. 2, p. 16-24, 2017.

TELES, G. A aliança estudantil-operária no Maio de 68 francês: uma lição para as lutas contemporâneas. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/site/iassc/GT7/GT7-03-Gabriel.pdf>>. 2018 Data de acesso: 21 de Maio de 2025.

TEIXEIRA, W. Decifrando a Terra. Companhia Editora Nacional, 2° ed. São Paulo, 2009.